

LITERATURAS AFRICANAS DE LÍNGUA PORTUGUESA: NA BERLINDA DA CRÍTICA ACADÊMICA

Joseneida Mendes Eloi de Souza

Resumo: *O presente trabalho é fruto de uma das inquietações do projeto pesquisa intitulado “Das vantagens e utilidade de se estudar a África vivendo no Brasil: Alda Lara e a Biblioteca de Literatura Angolana (Maianga, 2004)”, vinculado ao projeto maior “Culturas em língua portuguesa, transnacionalidade e embates pós-coloniais: iniciativas editoriais de circulação da cultura africana no Brasil em tempos globalizados ma non troppo... I- Biblioteca de Literatura Angolana (MAIANGA)”, orientado pela prof^a Dr^a Maria de Fátima Maia Ribeiro. Nele, pretende-se discutir, à luz da obra poética da escritora angolana Alda Lara, a maneira como a crítica acadêmica tem se posicionado com relação às literaturas africanas, a partir da imposição de determinados conceitos, estabelecidos em favor da hegemonia ocidental e em detrimento das produções culturais africanas. Além disso, pretende-se ressaltar o modo como as literaturas africanas têm subvertido as formas de enquadramento ocidentais e/ou africanistas.*

Palavras-chave: Literaturas africanas de língua portuguesa; Crítica acadêmica; Estratégias de legitimação

Primeiramente, gostaria de problematizar o discurso da africanidade que vem sendo sustentado, inclusive, por alguns estudiosos de origem africana, considerando a problemática que envolve o termo, atualmente, dividindo opiniões inclusive dos especialistas no assunto. Não se pretende aqui dar conta da discussão sobre o conceito de “africanidade”, mas apenas, apontar o considerável perigo que o uso demorado do termo pode representar, quando manipulado a favor das ideologias ocidentais e africanistas, centradas na hierarquização das culturas. Torna-se necessário lembrar que em determinadas situações a idéia de “africanidade” pode operar como um recurso de defesa por parte das culturas africanas, no sentido da luta pelo reconhecimento e legitimação de seus bens culturais no cenário mundial. Entretanto, não se pode descuidar de que por trás dessas iniciativas de homogeneização cultural encontram-se, subliminarmente, os resquícios das formulações coloniais e imperialistas de dominação, que através do discurso epistemológico e crítico determinam o que vem a ser “uma identidade africana autêntica”, e o que pode ou não figurar na produção literária dos escritores africanos, para que estes sejam também considerados como autênticos. Quanto a isso, Mia Couto em “Que África escreve o escritor africano?” discute, brilhantemente, o papel do escritor africano na contemporaneidade e as deficiências desses discursos particularistas que, na maioria das vezes, acabam por rotular as produções literárias africanas, correspondendo às iniciativas de desvalorização dessas produções por parte das nações hegemônicas:

O nosso papel é o de criarmos os pressupostos de um pensamento mais nosso, para que a avaliação de nosso lugar e do nosso tempo deixe de ser feita a partir de categorias criadas por outros. E passamos a interrogar aquilo que nos parece natural e inquestionável: conceitos como os direitos humanos, a democracia, a africanidade. É esta nossa relação com África que eu gostaria de aqui interrogar. Porque essa africanidade erguida como uma identidade tem sido objecto de

sucessivas mistificações (COUTO, 2005. p.59-60).

Ante o exposto, pode-se inferir que as “categorias criadas pelos outros” citadas por Mia Couto, são aquelas produzidas pelas teorias críticas atreladas ao pensamento hegemônico, a fim de controlar e autorizar o que deve e o que não deve ser considerado local/universal, original/cópia, tradicional/moderno, nas literaturas africanas, como também se quisermos estender às demais produções culturais do chamado Terceiro Mundo. Em *O entre-lugar do discurso latino-americano*, Silviano Santiago discute o modo como os sentidos desses binarismos foram construídos e impostos às culturas dos países periféricos como algo imanente da tradição ocidental, através de ideologias baseadas na “superioridade” das nações européias. Dentre eles, vale destacar os conceitos de originalidade e universalidade, os quais favoreceram a instituição do cânone universal e, conseqüentemente, a imposição de uma idéia de estética desvinculada das realidades sócio-culturais, como um modelo a ser seguido pelas demais culturas. Não se pode ignorar que sob estas iniciativas de enquadramento – a exemplo do cânone e do conceito de africanidade – nas quais predominam a hierarquização e a homogeneização das culturas, subjazem, principalmente, a prepotência e arrogância dos discursos críticos eurocêntricos, produzidos pelo ocidente. Entretanto, é necessário lembrar que esses não são os únicos responsáveis pelas imagens mistificadas que temos de África, mas, também grande parte dos discursos africanistas que visam dar conta da totalidade do continente africano, como alerta Appiah em “A invenção da África”, ao problematizar o discurso de Crummel, padre afro-americano com formação européia:

A África de Crummel é a pátria da raça negra, e seu direito de agir dentro dela, falar por ela e arquitetar seu futuro decorria – na concepção do autor – do fato dele também ser negro. Mais do que isso, Crummel sustentava que havia um destino comum para os povos da África – pelo que devemos entender sempre o povo negro –, não porque eles compartilhassem de uma ecologia comum, nem porque tivessem uma experiência histórica comum ou enfrentassem uma ameaça comum da Europa imperial, mas porque pertencessem a essa única raça. Para ele, o que tornava a África unitária era ela ser a pátria dos negros, assim como a Inglaterra era a pátria dos anglo-saxões, ou a Alemanha, a dos teutões. (APPIAH, 1997, p.22)

Nessa releitura que Appiah faz do discurso de Crummel, é possível perceber de imediato a tentativa de apagamento das diferenças dentro do conjunto das culturas africanas. É a África homogeneizada pelo discurso da raça, discurso este que fundou a ideologia pan-africanista e prevê a diferenciação dos povos africanos das demais civilizações, como se não houvesse trocas culturais, e pontos de aproximação entre eles e os demais: europeus, asiáticos ou latino-americanos. É a busca incessante por uma unidade dentro do continente africano, através da constituição de uma identidade única e coesa, como se esta fosse inteiramente possível e até mesmo necessária. Longe de aqui estabelecer se é correta ou não a afirmação dessa identidade única como estratégia de defesa, um dos perigos de levá-la a risca, é justamente, a possibilidade de uma apropriação indevida desse discurso por parte do pensamento hegemônico, sob a forma do discurso crítico. É o que acontece no caso das literaturas africanas quando se cobra do escritor africano o certificado de sua “africanidade”, para que então sua produção seja aceita como legítima. Daí tanto Appiah quanto Mia Couto defendem a necessidade de se pensar a África enquanto um continente diversificado, resultado dos processos de hibridização – afinal, “não existe pureza quando se fala da espécie humana” (COUTO, 2005. p.60), e que a tentativa de criação de uma identidade única para qualquer nação, ou para um continente como no caso, é

extremamente redutora, e aniquiladora das diferenças. Além disso, como Mia Couto sustenta, essa busca insistente pelo que é genuíno, puro, e tradicional em África, tem sido uma das causas do olhar de desconfiança com que são vítimas as literaturas africanas no restante do mundo, afinal, não se cobra de um espanhol, por exemplo, seu certificado de “espanholidade”. Desse modo não cabe à crítica acadêmica julgar o que pode ser considerada como uma literatura angolana ou moçambicana autêntica, nem muito menos o que deve ser visto como temática própria dentro das literaturas africanas, de modo geral.

Na poesia de Alda Lara, por exemplo, encontramos várias referências à temática da guerra, quando a autora descreve a dor e a opressão por que passou Angola no período colonial, e que se faz presente na maioria dos textos produzidos pelos escritores angolanos tanto no período da pré-independência, quanto no pós-independente - embora a poetiza não o tenha vivido - e como podemos ver no poema “Momento” nos fragmentos abaixo:

Nos olhos dos fuzilados
dos sete corpos tombados
de borco, no chão impuro,
eis!
...sete mães soluçando...

Nas faces dos fuzilados,
nas sete faces torcidas
de espanto ainda, e receio...
sete noivas implorando...

E do ventre de além-mundo,
sete crianças gritando
na boca dos fuzilados...
sete crianças gritando
ecos de dor e renúncia
pela vida que não veio...

Poderíamos supor, tal como parte da crítica acadêmica prescreve, que se trata de um texto próprio da escrita angolana – país que só alcança a libertação política em 1975 –, e que a escritora, sendo alguém que compôs sua obra no período da pré-independência, traz para cena as demandas da sociedade em que vive, a exemplo dos terrores da guerra. Assim, poderíamos tachar esta mesma escrita como panfletária, local, e sua produtora como sendo incapaz de se desprender de sua própria realidade. Entretanto, onde está no texto esta etiqueta? Não poderíamos relacionar a descrição no poema, do estado de dor e de violência por que passaram e passam as vítimas da guerra, com qualquer outra época, em qualquer outro lugar?

Segundo Inocência Mata em “Even Cruzoe needs a Friday* os limites dos sentidos da dicotomia local / global nas literaturas africanas”, o preconceito que ainda se tem com relação à produção literária africana, incluindo o rótulo dado a esta como sendo local, panfletária e sem valor estético, decorre do fato de grande parte da crítica acadêmica ocidental desconhecer a realidade da produção artística africana, e ainda assim atribuir-se uma autoridade indiscutível para tratar do assunto, mas não apenas isso. Para a autora, esta realidade é fruto de uma espécie de resquício da colonização, e do imperialismo com que as nações hegemônicas sempre subjugarão os povos terceiro-mundistas, que atualmente encontra-se restaurado sob a forma de discursos e pelas mediações do antigo centro metropolitano:

Assim, julgo que essa crítica, de base ostensivamente eurocêntrica e intenção hierarquizante, que parece obedecer a uma lógica globalizante, mas também cumprindo interesses de grupo, decorre do facto de muita crítica da literatura africana se fazer, ainda, por via de mediações do “centro”. Em rigor, este continua a funcionar como centro metropolitano”, ao qual convém a rarefacção (ou desvanecimento) do real histórico e a desconsideração do factor identitário, divisa da literatura “sem fronteiras”, que se propõe a dissolução da diversidade cultural- que é, diz-se, realidade pós-moderna e pós-colonial. (MATA, 2005. p. 13).

Inocência Mata vê nessa crítica produzida não apenas em Portugal, mais do que um meio de divulgação de determinados autores e obras, mas uma espécie de reprodução das estruturas de controle e dominação criadas pelos sistemas colonialista e imperialista, e neste ponto dialoga com Said, que em “Territórios Sobrepostos, Histórias Entrelaçadas” afirma: “os cruzamentos entre cultura e imperialismo são irresistíveis” (SAID, 1995, p. 37). Assim, considerando a situação pós-moderna, já não se podem desprezar as relações entre literatura e história, nem os modos com os quais os projetos de dominação encontram-se perpetuados através de práticas, discursos e da imposição de certas “verdades absolutas”. Pela mesma maneira, diante do processo da globalização, já não cabe à crítica especializada estabelecer uma separação rígida entre o local e o universal em quaisquer produções literárias, tendo em vista que neste processo há uma demanda pelo direito à identidades que se afirmem em diferença constituindo-se através de negociações dentro do sistema nacional. Isto inclui o estabelecimento de redes de identificação com as demais culturas, que pela dinâmica de significação simbólica podem fazer o local gerar o universal.

Na obra de Alda Lara também se verificam temas como o da oralidade, da ancestralidade, como se pode ver nos fragmentos do poema “Noite”:

Noites africanas tenebrosas...
Povoadas de fantasmas e de medos,
Povoadas das histórias de feiticeiros
Que as amas-secas pretas,
Contavam aos meninos brancos....

Entretanto, sendo Alda Lara uma escritora que viveu entre margens, ou seja, entre a formação cultural angolana (pois, era natural de Benguela) e a formação portuguesa (estudou medicina em Coimbra, onde viveu a maior parte da vida), e conforme a leitura que se pode fazer da sua produção poética, pode-se dizer que ela não se limitou em seguir por uma única vertente temática. Sua obra é bastante diversificada, tendo inclusive a presença marcante da sua relação com a cultura portuguesa, a qual a escritora não fez questão de negligenciar, como se verifica em “A Coimbra”:

Minha cidade eterna e resumida,
Como um sonho embrulhado
Em névoa branca... E adormecida.
Por outro sonho que a saudade quis
É que não sei agora
o que este engano diz

Já no primeiro verso pode-se perceber que a poetiza confirma a sua ligação com a cidade de Coimbra, ou até mais que isso a certeza de que a cidade a pertence definitivamente. É como

se a noção de pertencimento à Coimbra permanecesse viva dentro dela, apesar de “adormecida”, por conta desse “outro sonho que a saudade quis”, qual seja, o desejo de regressar à Angola, sua terra natal, e assim contribuir para reconstrução do país. É o convívio, e por vezes a mescla, de elementos da *angolanidade* com elementos da cultura portuguesa, como também o hibridismo das tradições culturais africanas com aspectos da modernidade, que vão compor a obra não apenas de Alda Lara, mas, também, de diversos escritores africanos. É o caso de Mia Couto, que sendo moçambicano tem uma produção literária também marcada por trocas culturais. E sobre isso, ele nos diz:

Os intelectuais africanos não têm que se envergonhar da sua apetência para a mestiçagem. Eles não necessitam de corresponder à imagem que os mitos europeus fizeram deles. Não carecem de artifícios nem de feitiches para serem africanos. Eles são africanos assim mesmo como são, urbanos de alma mista e mesclada, porque África tem direito pleno à modernidade, tem direito de assumir as mestiçagens que ela própria iniciou e que a tornam mais diversa e, por isso, mais rica. (COUTO, 2005. p.61).

São estas misturas presentes na produção artística desses autores, que fazem com que as literaturas africanas de língua portuguesa correspondam, na atualidade, às iniciativas de subversão dos mitos criados pelos europeus e das categorias impostas pela crítica acadêmica ocidental. Cabe ao crítico contemporâneo, finalmente, ultrapassar os aprisionamentos com os quais encontra-se atrelada a manipulação de termos como superioridade, valor estético, africanidade etc, compreendendo, como sugere Beatriz Sarlo fazendo uma releitura de Walter Benjamin, que “olhar politicamente a arte supõe descobrir as fissuras no consolidado, as rupturas que podem indicar a mudança tanto nas estéticas quanto no sistema de relações entre a arte, a cultura em suas formas prático-institucionais e a sociedade. (SARLO, 2005, p.60-61). Em outras palavras, significa pensar a arte, como também a cultura, enquanto produções dinâmicas sujeitas a hibridismos e recriações, para além das dicotomias e dos conceitos pré-estabelecidos, desestabilizando os discursos imbuídos de “verdades absolutas” e as autoridades críticas.

REFERÊNCIAS

APPIAH, Kwame Anthony. *Na casa de meu pai: a África na filosofia da cultura*. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

COUTO, Mia. Que África escreve o escritor africano?. In: COUTO, Mia. *Pensatempos: textos de Opinião*. Caminho, 2005.

LARA, Alda. *Poemas*. Luanda: Edições Maianga, 2004. (Biblioteca de Literatura Angolana).

MATA, Inocência. Even Cruzoe needs a Friday* os limites dos sentidos da dicotomia universal/local nas literaturas africanas. In: Revista Gragoatá. Niterói, n° 19, p. 11-27, 2° sem. de 2005.

SAID, Edward. Territórios sobrepostos, histórias entrelaçadas. In: SAID, Edward. *Cultura e imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p.33-51.

SANTIAGO, Silviano. O entre-lugar do discurso latino-americano. In: SANTIAGO, Silviano. *Uma literatura nos trópicos*. São Paulo: Perspectiva, 1978.

SARLO, Beatriz. Um Olhar Político: em defesa do bipartidarismo da arte. In: *Paisagens imaginárias: intelectuais, arte e meios de comunicação*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005. p.55-63. (Ensaio Latino-americanos).